

## Memorial do Colégio Seigné: uma reflexão sobre a fotografia como peça de museu

### Resumo

Resumo: Este artigo propõe examinar o acervo fotográfico do memorial do Colégio Seigné, em Porto Alegre. Para isso, primeiramente, argumenta sobre os museus escolares e relaciona seus diferentes tipos e nomenclaturas. Estes são explorados em uma perspectiva histórica, associando, da mesma forma, às atuais funções destas instituições. Visa também refletir sobre a fotografia e a Cultura Visual aproximando ambas à cultura escolar. Do mesmo modo, relaciona a fotografia ao conceito de representação. Por último, detêm-se acerca do Memorial do Seigné. Investiga sobre sua gênese, e aborda a relação teórica das fotografias como documento/monumento bem como o processo de musealização deste acervo em específico, visando compreender de que forma as fotografias da instituição tornaram-se peças de museu.

**Palavras-chave:** museu de educação; fotografia; cultura visual; Memorial do Colégio Seigné.

**Rita de Cássia de Matos Magueta**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
ritocamagueta@yahoo.com.br

## Considerações iniciais

O Colégio Sevigné iniciou seu funcionamento em 1º de setembro de 1900, no centro da cidade de Porto Alegre. Sua origem está relacionada à família Courteilh, oriundos da França e estabelecidos em Porto Alegre. Octavio Courteilh era Agente Consular, vinculado ao Ministério de Instrução Pública e de Belas-Artes da França e sua esposa a senhora Emmeline Courteilh. (WERLE, 2008).

A origem francesa do nome da escola<sup>1</sup> deve-se a seus fundadores, mas também às religiosas de origem francesa, as irmãs da congregação de São José. (Werle, 2008). Estas, com o sucesso da instituição foram convidadas como colaboradoras em 1904. Contudo, dois anos após, com o retorno do casal Courteilh à França, a congregação passou definitivamente à administração do colégio.

Neste primeiro momento, ofereciam curso elementar e superior, destacando-se na educação feminina. Ao mesmo tempo, ofertavam “[...] o curso de primeiras letras e o de preparação para os exames de professor que eram prestados na Escola Normal”. (WERLE, 2005, p. 623). Proporcionavam, também, um modelo de educação total, dispo de internato, de semi-internato e de externato, bem como de instrução religiosa. (WERLE, 2005).

Já nos primeiros anos de funcionamento, a instituição recebeu uma crescente adesão de estudantes oriundas da capital e interior do Rio Grande do Sul. Nos quarenta anos iniciais, o quantitativo de matrículas sempre fora superior a 1.000 estudantes. (WERLE, 2008).

Ao longo de mais de 100 anos a prestigiosa escola acumulou fotografias bem como conservou inúmeros documentos e outros artefatos. A marca das religiosas na instituição pode ser percebida nesses objetos escolhidos para fazer parte da historia da entidade. A intenção deste estudo é compreender como ocorreu o processo de musealização do acervo fotográfico do Colégio Sevigné na organização de sua sala memorial, ou seja, de que forma as fotografias viraram peças de museu. Vinculado aos

---

<sup>1</sup> Werle (2005; 2008) afirma ser uma homenagem a Marquesa Marie de Rabutin Chantal, escritora do século XVII conhecida pela alcunha de Madame Sevigné.

demais artefatos escolhidos e recolhidos para fazerem parte do memorial da instituição, é necessário compreender o processo de reunião deste acervo visual nos anos anteriores ao centenário da instituição. Todavia, é importante observar que as balizas teóricas e metodológicas deste artigo são parte do projeto de pesquisa, em que analisa-se um álbum em especial que apresenta imagens de primeira eucaristia. Neste contexto, o recorte sobre a musealização auxilia a entender como as fotografias transformaram-se de monumento em documento.

Ao explorar o panorama acadêmico de trabalhos que relacionam fotografia à História da Educação, destaca-se, entre outros, os estudos de Rachel Abdala, Rosa Fátima de Souza, Eulália Colleldemont, Marcus Bencosta e Zita Possamai - esta última aproxima também a fotografia aos museus de educação. Contudo, percebe-se um vasto campo de pesquisa a ser desbravado.

Para a construção do entendimento de peças de museu, salienta-se que serão discutidos e relacionados com a pesquisa os conceitos de representação e musealização, pois permeiam ou mesmo auxiliam os estudos a partir de artefatos fotográficos numa perspectiva histórica.

Complementando as discussões sobre as fotografias, torna-se importante destacar a Cultura Visual, na medida em que procura analisar a sociedade a partir de suas fontes visuais, abarcando para isso todo o espectro de usos da visualidade pela sociedade. Assim, relacionado à crescente utilização desse campo de estudos, podemos pautar ao igualmente ascendente emprego da imagem na sociedade, em diferentes contextos.

### Museu escolar

No campo da História da Educação, diversas pesquisas partem de artefatos culturais salvaguardados em locais favoráveis à sua conservação, seja em instituições ou mesmo através de guarda particular. Entre as instituições, enfatiza-se neste artigo os

museus escolares<sup>2</sup>. Portanto, entende-se como oportuno identificar os principais tipos e terminologia de instituições que foram criadas ao longo dos últimos séculos, destacando algumas de suas características, evidenciando, para isso, a perspectiva histórica de tais e para, ao final do artigo, compreender e diferenciar o memorial explorado.

A formação dos museus escolares, no final do século XIX, está ligada ao museu de história natural como um instrumento “facilitador da aprendizagem”, extrapolando a responsabilidade de guarda da memória da vida escolar. (POGGIANI, 2011, p. 1). Petry alerta que “os museus escolares dos séculos XIX e XX ocupavam-se da temática escolar, da recolha e organização de material para o ensino dos escolares, mas não da guarda da sua memória.” (PETRY, 2011, p.1). Todavia, considera-se interessante lembrar que as noções de patrimônio<sup>3</sup> e memória<sup>4</sup>, que, contemporaneamente perpassam o âmbito dos museus, naquela época ainda não estavam em voga.

Como exemplo ao que foi indicado acima, Bastos (2002) nos apresenta um caso particular - o *Pedagogium* - um museu pedagógico cogitado como símbolo republicano da modernidade nacional na área da educação. Este fora pensado como centro impulsionador das reformas educacionais do período republicano, e principalmente, como meio de oferecer instrução aos professores públicos, divulgando o método de ensino primário conhecido como Lição de Coisas e materiais de ensino modernos. Assim, construindo uma perspectiva histórica de museus escolares, implica relacioná-los como

---

2 “O termo ‘museu’ tanto pode designar a instituição quanto o estabelecimento, ou o lugar geralmente concebido para realizar a seleção, o estudo e a apresentação de testemunhos materiais e imateriais do Homem e do seu meio”. (CONCEITOS CHAVE DA MUSEOLOGIA, 2013, p. 64).

3 Possamai (1997) afirma que a noção de patrimônio, como conhecida atualmente, surge no século XIX. Está ligada a ideia de herança. “Designa-se, usualmente, patrimônio como o conjunto de bens de propriedade de uma família, de uma empresa, de uma instituição. Pressupõe cuidado com sua manutenção, guarda, aumento e aprimoramento com a finalidade de transmissão às futuras gerações”. (POSSAMAI, 2012, p. 111) Fonseca (1997 apud POSSAMAI p. 15) coloca que “a ideia de posse coletiva como parte do exercício da cidadania inspirou a utilização do termo patrimônio para designar o conjunto de bens de valor cultural que passaram a ser propriedade da nação, ou seja, do conjunto de todos cidadãos.”

4 Segundo Le Goff (2012, p. 405) “A memória como propriedade de conservar certas informações, remete-se em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. Para Pesavento (2004, p. 55) memória “são discursos de representação do passado [...] Aquele que evoca, chega à identificação de lembrança com o acontecido [...]”. Já para Nora (1993 apud MENEZES et al, 2005, p. 67) a “memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto”.

um local de aprimoramento de professores, e, também de divulgação de novas metodologias. Atualmente, porém, o museu de educação se transformou “(...) principalmente na dimensão da conservação do patrimônio e da memória escolar.” (POGGIANI, 2011).

Promovendo debate acerca da nomenclatura e característica, Vidal (1999 apud Poggiani 2011, p.1) “[...] aponta a diferença entre museu pedagógico (guarda de artefatos) e museu escolar (facilitador da aprendizagem)”. Do mesmo modo, Petry (2013) discute o termo ‘museu escolar’, e expõe seis aproximações a ele partindo das diferentes referências encontradas no corpus documental de seu trabalho. Assim a autora destaca: os museus pedagógicos e escolares, o Museu Escolar Brasileiro, o museu como armário em madeira que servia à guarda dos objetos para a lição das coisas, o museu dentro da sala de aula, o museu como espaço físico - como exemplo os gabinetes - e por último, especialmente no caso catarinense, o museu transformado em Associação Auxiliar da Escola. (PETRY, 2013). Percebe-se com isso, a abrangência da nomenclatura e as nuances no entendimento do museu escolar.

Entretanto, tais museus comunicam a história destas instituições, “reúnem objetos e auxiliam a compor a materialidade das escolas, embora não sejam tão visíveis na cena escolar que fornece fontes para a história da educação quanto os livros ou o quadro negro, por exemplo.” (PETRY, 2011, p.1). Razão suficiente para tornarem-se, cada vez mais, objeto de pesquisa no campo da história da educação.

Para este artigo, entretanto, visando diferenciar esta conotação histórica de museus escolares, será utilizada a expressão museus de educação, por entender que a noção de formação de professoras e divulgação de metodologia pedagógica não compreende as atribuições contemporâneas dos museus de instituições escolares, principalmente, o caso do memorial do Colégio Seigné.

### Fotografia e cultura visual em âmbito escolar

Assim como os museus, a fotografia surge também no século XIX. Sobre a façanha de fixar uma imagem em um suporte material temos Niépce, em 1822, e Daguerre, em

1839, como principais precursores, sendo o último considerado o inventor oficial da fotografia. Esta captura de luz em papel fotossensível através de uma máquina - a fotografia - produz o que Flusser (2002, p.7) define como imagens, que são “[...] superfícies que pretendem representar algo. Na maioria dos casos, algo que se encontra lá fora no espaço e no tempo.” Esta distância da representação faz da fotografia uma fonte em potencial aos estudos históricos. Porém, as imagens dão a ver, mas vão além daquilo que é mostrado.

Nessa perspectiva, o conceito de representação, segundo Pesavento (2004), aparenta quase uma simbiose ao documento fotográfico, pois indica que representar é “estar no lugar de, é presentificação de um ausente; é um apresentar de novo, que dá a ver uma ausência. A ideia central é, pois, a da substituição, que recoloca uma ausência e torna sensível uma presença”. (PESAVENTO, 2004, p.40). A fotografia neste caso, não é, mas representa algo passado.

Por outro lado, Chartier (1990) contribui para pensarmos na representação como classificação, bem como exclusão, a partir de configurações sociais acerca de um determinado tempo e espaço. Estas não são dadas aos historiadores de forma objetiva, na medida em que são construídas e produzidas historicamente por práticas articuladas, sejam elas políticas, sociais ou discursivas.

Frente ainda ao entendimento da representação através da fotografia, porém, refletindo sobre o ato fotográfico, Abdala (2003, p. 22) nos indica que

Fotografar é, sem dúvida, uma prática de representação, nesse sentido, pode-se considerar que a fotografia é um recorte da realidade permeado por uma visão específica. O fotógrafo é o agente que viabiliza a fotografia, em sua prática.

A autora evidencia a visão específica do fotógrafo, que possibilita a fotografia, na medida em que “o registro fotográfico é a consequência final do processo mental e cultural encarnado no fotógrafo, que produz a materialização documental no espaço e no tempo.” (ABDALA, 2003, p. 22).

Como um artefato do passado, a fotografia tem seu uso disseminado na sociedade de várias formas. A escola, por exemplo, utiliza fotografias como recurso didático para análise e interpretação em sala de aula, com o propósito de despertar o interesse dos alunos na história das sociedades passadas. (BORGES, 2011, p.16). No campo da história é utilizada como objeto e como documento de pesquisa, o que delega cuidados metodológicos, eximindo o pesquisador de uma abordagem meramente subjetiva.<sup>5</sup>

Esse olhar atento do historiador surge, segundo Meneses (2003), a partir da década de 1980 com a popularização da imagem virtual, e com ela a modificação do entendimento da análise do visual na sociedade contemporânea. Em busca de novos parâmetros para a análise desses processos culturais, o campo da cultura visual

[...] pode englobar uma variedade de formas de representação, desde as artes visuais e o cinema, até a televisão e a propaganda, atingindo ainda áreas em que, em geral, não se tende a pensar em cultura visual [...] A cultura visual se ocupa da diversidade do universo de imagens. (MONTEIRO, 2008, p.131).

Ou seja, o espectro da análise do campo da cultura visual não se restringe a fotografia. Ela é mais uma entre as ferramentas para análise e entendimento da realidade social.

Em suas análises Meneses nos alerta sobre as pesquisas em História nas últimas décadas em que começaram a “incluir a materialidade das representações visuais no horizonte dessas preocupações e entender as imagens como coisas que participam das relações sociais e, mais que isso, como práticas materiais”. (MENESES, 2003, p 14). O mesmo autor ainda indica que estudar a cultura não é estudar um segmento à parte da vida social. Para ele, a cultura visual pode ser considerada uma subcategoria que “teria que ser estudada não como um conjunto de coisas e contextos materiais de que serve o homem na sua vida social, mas como a dimensão física, empírica, sensorial, corporal, da produção / reprodução social [...]”. (MENESES, 2003, p.25).

---

<sup>5</sup> O uso da fotografia como fonte de pesquisa ocorre a partir do alargamento do sentido de documento histórico, principalmente com os estudos da Escola dos Annales. Neste sentido, Le Goff (2012) aponta à crítica da noção de documentos, principalmente os escritos, tidos até pouco tempo como únicos testemunhos. Para Borges (2011) o uso das fotografias está relacionado com o processo de globalização, ou seja, uma crise de paradigmas na história.

Acerca dos rastros da herança educativa, a autora Felgueiras indica que podemos incluir:

[...] tanto os edifícios, o mobiliário, os materiais didáticos, os materiais dos alunos, os elementos decorativos e simbólicos presentes nas escolas, quanto as práticas de ensino, as táticas dos alunos, as brincadeiras e as canções no recreio, as recordações do cotidiano escolar, que as memórias de professores e alunos podem revelar. (FELGUEIRAS, 2005, p.92).

Oliveira et al, analisa o panorama crescentes de estudos visuais e acrescenta que a fotografia

[...] está começando a povoar as pesquisas em História da Educação, mostrando-se como documento bastante rico para trabalhos que envolvam arquitetura escolar, cotidiano escolar e, também, memória de alunos e professores. (OLIVEIRA et al, 2004, p.1).

Pautada em análises escolares, Colleldemont (2010) relaciona os estudos da memória visual da educação - suas formas de criação, difusão e percepção - aos estudos da cultura visual. Conhecer a forma como a escola se representa, segundo a autora, é uma maneira de termos a consciência pedagógica e social de um determinado contexto. Colleldemont (2010) denomina a evocação da memória como a capacidade da imagem de incorrer a recordações, dividindo-a em subjetiva e intersubjetiva<sup>6</sup>.

Portanto, cabe ao pesquisador apreender as fontes visuais; dentro do campo da cultura visual; presentes em arquivos, museus de educação e pedagógicos para o fomento da História da Educação em diferentes ângulos e focos até então estudados.

### A sala memorial do Colégio Seigné: fotografia como documento / monumento

Partindo do conhecimento exposto acima, mas referindo-se a respeito da intervenção para organização do memorial do Colégio Seigné, apresentado

---

6 Segundo a autora, a memória subjetiva induz a uma narrativa de cunho particular, tendo a imagem como parte da vida expressa numa vivência. A intersubjetiva com potencial de incorporar em muitas pessoas adultas sua própria narração escolar, ou seja, permite identificação com aqueles que tiverem vivência similar na infância, provocando possibilidade de voltar a ser presente por um instante. (COLLELDEMONT, 2010, p. 149).



anteriormente, pode-se deduzir que a proximidade das comemorações do centenário da escola, nos anos 2000, potencializou o desejo de organização de um espaço de memória. Nesta medida, o memorial diferencia-se dos museus escolares do final do século XIX e início do século XX, abordados anteriormente, na medida em que seu projeto está ligado à guarda da memória, e não a formação discente ou mesmo questões pedagógicas de sua época.

Assim, a partir de análise do projeto intitulado 'Memória Seigné' de autoria da museóloga, funcionária da instituição na época, Maria da Graça Aquere Aikin, observa-se o movimento de organização desse espaço. Outra fonte de informações para isso é o livro utilizado como diário do processo de organização do memorial. Infelizmente, o procedimento de reunião, guarda e conservação de documentos e objetos da história do colégio anterior ao trabalho de Maria da Graça não foi localizado.

Destaca-se primeiramente o projeto do memorial. Datado de novembro de 1991, apresenta concepções de museu, museologia e memória, vislumbrando as formas de aquisição do acervo, a necessidade de entrevistas de história oral, bem como outros recursos, entre elas as financeiras. Em sua primeira etapa, o projeto prevê a aquisição de objetos dentro da comunidade do Seigné: escola, congregação das irmãs de São José, AMA (Associação Madre Augusta) e Associação de pais e mestres do Colégio Seigné (APAMESE). Ambiciona também outras formas de divulgação das ações do memorial possibilitando, assim, receber objetos de pessoas externas, de alunos e de professores. Como segunda etapa, indica a elaboração de documentos ligados a gestão dos objetos como termo de doação, projeto de utilização do espaço, regimento interno e fichas de catalogação. Já como terceira etapa, entre outras ações, a identificação e descarte de fotografias, indício de que já havia fotografias acumuladas na escola ao longo dos anos.

O caderno de registros sistemáticos de intervenção no acervo do memorial, chamado de diário por Maria da Graça Aikin, tem início em 1999 descrito até o ano de 2002. Refere-se ao trabalho de identificação de fotografias constantemente, e também cita a devolução de fotografias do AMA e do Grêmio Estudantil Seigné (G.E.S), entre outros empréstimos. Nestes casos a providência sinalizada era a cópia das fotografias e posteriormente a devolução do material, como descrito no trecho: “Drª. Geny trouxe um

álbum de fotos da Luciana. Fiquei com duas fotos para copiar”. Não é indicada, em nenhum dos documentos consultados, a maneira pelas quais as fotografias foram copiadas. Informa também o recebimento de fotografias, citando seus doadores, contudo não foram localizados, até o momento, nenhum termo de doação no acervo da instituição, apesar de apontada a existência deste tipo de documento no diário. A catalogação de álbuns também fora identificada nas ações, bem como a contagem de fotografias como forma de quantificar os álbuns e sua montagem. Fichas de fotografias foram elaboradas e preenchidas sendo as fotografias avulsas colocadas em envelopes, pastas e arquivo.

Durante a implantação do memorial, a equipe organizadora ainda descreveu o acervo, criando tanto um livro tomo, quanto um inventário. No entanto, a origem das peças não está identificada nestes materiais.

A inauguração da sala ocorreu durante a comemoração do centenário da instituição, em 02 de setembro de 2000, com inúmeros convidados.

O acervo fotográfico possui imagens avulsas e álbuns fotográficos, com período compreendido de 1910 até 2000, e temáticas em torno das atividades escolares: passeios, atividades educativas internas e externas, tanto da sala de aula, quanto da escola. Mostram eventos como formaturas, primeira eucaristia, mas também as instalações da instituição.

Além do acervo fotográfico, o Memorial do Colégio Seigné abriga também um acervo com grande quantidade de objetos que pertenceram ao cotidiano escolar, administrativo e religioso da instituição. Enfatiza-se, entre os objetos as carteiras escolares, globos, livros, cartilhas, cadernetas de alunos, flâmulas, troféus, medalhas, canetas tinteiro, mata-borrão, escrivinha, telefone e outros utilizados pelas gestoras e demais responsáveis pela direção da escola, ou seja, artefatos de uso administrativo. Também, encontram-se bíblias, imagens e quadros de figuras religiosas, túnicas, estola, cálices, enfim, objetos litúrgicos que caracterizam a relação da instituição com a igreja católica. Esta classificação foi realizada a partir de observação visual no acervo, contudo mostrou-se limitada, pois excluem uma série de objetos em menor quantidade, como os

objetos de uso médico, da época em que havia atendimento às alunas na instituição, e a louçaria, utilizadas pelas irmãs e internas no cotidiano do internato.

Neste panorama, ao analisar o acervo da instituição, e principalmente as imagens selecionadas para sobreviver ao presente, surge a indagação: quais motivos levaram determinadas imagens a serem escolhidas a permanecerem na memória da comunidade escolar? Pelo que já foi descrito até o momento, alerto que este artigo não pretende responder a esta questão, mas refletir e elencar algumas considerações sobre ela. Para isso, fundamento-me especificamente sobre a operação dos materiais da memória em que Jacques Le Goff contribui a este exercício, pois indica que tal operação apresenta-se de duas formas “[...] os monumentos, heranças do passado, e os documentos, escolha do historiador”. (LE GOFF, 2011, p 510). Baseada nessas premissas, todavia relacionada ao campo da construção do conhecimento a partir do documento fotográfico, Mauad (1996) analisa a fotografia enquanto uma mensagem elaborada através do tempo. Assim, para a autora, a mensagem fotográfica apresenta-se “[...] tanto como imagem/monumento quanto como imagem/documento, [...]”, mas também, “[...] como testemunho direto quanto como testemunho indireto do passado.” (MAUAD, 1996, p. 74).

Refletindo ainda sobre o projeto ‘Memorial do Seigné’ para entender a musealização das imagens, uma informação chama a atenção. Isto porque era previsto o prosseguimento das ações de identificação e de descarte das imagens do acervo. Acerca dos álbuns, projetavam avançar com sua organização a partir das fotografias já identificadas. Deste modo, ao que tudo indica, a intervenção nos documentos fotográficos antecede o projeto do memorial, pois afirmam continuar o trabalho realizado no ano anterior. Estas ações, bem como o que foi descrito sobre as fotografias, contribuem à discussão acima empreendida em que as fotografias da escola passam de *monumento* à *documento*. Evidenciam, também, a cultura fotográfica da sociedade porto alegreense incutidas na escola, bem como os fotógrafos e os estúdios representados nas imagens. Deste modo, o conceito de representação discutido anteriormente, nos auxilia compreender os sentidos simbolizados por estes artefatos, sem perder de vista que estes são fruto das relações sociais. (MENESES, 1994).

Isto porque, alçada ao status de documento, a fotografia tem potencial à preservação, podendo tornar-se um objeto de museu. A discussão sobre o estatuto de objeto de museu, porém se mostra muito mais ampla, na medida em que não é apenas a migração de um objeto aos limites do museu. Ou seja, “um objeto de museu não é somente um objeto em um museu.” (CONCEITOS CHAVE DA MUSEOLOGIA, 2013, p. 57), pois ele assume outros papéis quando inserido nestas instituições. Assim, o artefato torna-se evidência material ou imaterial, referindo-se ao homem e ao meio, bem como torna-se fonte de estudos e de exibição, adquirindo assim uma realidade cultural específica. (CONCEITOS CHAVE DA MUSEOLOGIA, 2013).

Ao abordar o museu e seu acervo, Meneses exemplifica que

No museu nos defrontamos com objetos enquanto objetos, em suas múltiplas significações e funções – ao contrário, por exemplo, do que ocorre num supermercado. Objetos de nosso cotidiano (mas fora desse contexto e, portanto, capazes de atrair a observação) ou estranhos à vida corrente (capazes, por isso, de incorporar à minha as experiências alheias). (MENESES, 1994, p. 12).

Complementando este entendimento, nas palavras de Possamai, (2001, p. 9) “coletar, registrar, catalogar, classificar, fotografar e submeter o objeto aos procedimentos de conservação e restauração marcam a mudança do estatuto do objeto comum em *peça de museu*.”

Deste modo, o acervo do museu nos proporciona observar o passado partindo para isso dos documentos nele conservado, porém não mais com valor de uso, informando, entre outros aspectos, os fenômenos sociais.

### Comentários finais

O acervo museológico, e, principalmente, fotográfico de uma instituição escolar permite um diálogo com o cotidiano, os hábitos, as tradições, tendo como foco a educação. Estar conservado e organizado permite ao acervo não somente o acesso físico, mas também o acesso intelectual ao seu conteúdo. Neste sentido, a qualidade das interrogações e pesquisas está diretamente ligada à função do museu: dar acesso.

Para analisar o acervo fotográfico e promover debate teórico- metodológico, dividiu-se o texto em três momentos, numa tentativa de organizar os argumentos e temáticas entre autores, mas também para delinear a análise a ser feita.

Oportunizou-se a aproximação dos artefatos fotográficos com o campo de estudos da cultura visual como forma de proporcionar outro olhar a estes documentos, enriquecendo as questões da história da educação. Pode-se indicar a relação entre as culturas materiais e visuais, vendo a fotografia enquanto um artefato material, porém portadora de múltiplos significados implícitos. No entanto, há na aproximação – história da educação e o campo da cultura visual - a necessidade de cotejar e ampliar suas relações.

A discussão sobre a fotografia como representação nos induz ao potencial informacional sobre o passado, a partir de sua visualidade, destacando aspectos sociais, cristalizados no tempo a partir da fixação da imagem em papel fotográfico. Muitos aspectos, entretanto, devem fazer parte dessa análise. Destacou-se aqui o olhar do fotógrafo na produção do artefato, mas, não devemos esquecer que além desse, o processo de circulação e apropriação são fundamentais para o entendimento das representações.

No caso desta pesquisa, no acervo do memorial do Colégio *Seigné*, apresentava como premissa abordar museus escolares e fotografia, ambos com sua gênese no século XIX, contudo analisados aqui também em sua contemporaneidade. Verificou-se que o acervo fotográfico da instituição foi formado por doações e cópias de fotografias de sua comunidade escolar. Apesar de não haver informações, o fato do projeto da funcionária responsável pela implantação do memorial apresentar uma etapa de descarte de fotografias, indica que também houve a incorporação desses documentos oriundos de coleta desses artefatos na instituição. Quanto aos álbuns, não há informações de sua entrada como documento no memorial, sendo apenas relacionados no inventário e livro tomo.

É válido ainda destacar que a documentação do Colégio *Seigné* difere de muitas instituições educacionais porto-alegrense, principalmente, por seu acervo preservado e

organizado em oposição a falta de conservação da maioria dos acervos escolares. Autores como Menezes et al e Felgueiras alertam sobre o descaso na conservação desses materiais, bem como a ausência de textos sobre estas pesquisas.

Enfim, a partir desta breve pesquisa muitos questionamentos surgiram. Entre eles: Qual a situação dos acervos escolares de Porto Alegre? Possuem fotografias em seus acervos? Estas estão conservadas? Sobre o memorial do Sevigné: Existem outros documentos, como termos de doação, por exemplo, que contextualizam as fotografias no memorial? Quem montou os álbuns? Onde estavam estas fotografias antes de serem inseridas no memorial? Portanto, como afirmado acima, pesquisas em museus de educação e seus registros fotográficos apresentam amplo potencial de pesquisa.

## Referências

ABDALA, Rachel Duarte. *A fotografia além da ilustração: Malta e Nicolas construindo imagens da reforma educacional no Distrito Federal (1927-1930)*. Dissertação (Mestrado em Educação). São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação, 2003.

BASTOS, Maria Helena Camara. *Pedagogium: templo da modernidade educacional republicana brasileira (1890-1919)*. In: \_\_\_\_\_ *Pro patria laboremus: Joaquim José de Menezes Vieira (1848-1897)*. Bragança Paulista: EDUSF, 2002. p. 251-350.

BORGES, Maria Eliza Linhares. *História e Fotografia*. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1990.

COLLELLDEMONT. Eulàlia. La memòria visual del escola. *Educatio Siglo XXI*, Murcia, v. 28, n 2, p. 133-156, 2010. Disponível em: <<http://revistas.um.es/educatio/article/view/112001/106321>>. Acesso em: 14 nov. 2013.

FELGUEIRAS, Margarida Louro. Materialidade da cultura escolar. A importância da museologia na conservação/comunicação da herança educativa. *Pro-Posições*. v. 16, n. 1 (46) - jan./abr. 2005. Disponível em <<http://www.proposicoes.fe.unicamp.br/~proposicoes/textos/46-dossie-felgueirasml.pdf>>. Acesso em: 12 jan 2014.

FLUSSER, Vilém. *Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. Rio de Janeiro: Relume Dumara, 2002.

LE GOFF, Jaques. *História e Memória*. 6 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

MAUAD, Ana Maria. Através das imagens: fotografia e história interfaces. *Tempo*, Rio de Janeiro, vol. 1, n.º. 2, 1996, p. 73-98. Disponível em <[http://www.historia.uff.br/tempo/artigos\\_dossie/artg2-4.pdf](http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/artg2-4.pdf)>. Acesso em 23 jan 2014.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra. Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo. v. 2, p.9-42, jan./dez. 1994.

\_\_\_\_\_ Fontes visuais, cultura visual, História visual: Balanço provisório, propostas cautelares. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 23, n.º 45, p. 11-36, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v23n45/16519.pdf>>. Acesso em: 6 jan 2014.

MENEZES, Maria Cristina; SILVA, Eva Cristina Leite da; JÚNIOR, Oscar Teixeira. O arquivo escolar: lugar da memória, lugar da história.

*Revista Horizonte*, v. 23, n.º 1, p67-76, jan/jun, 2005. Disponível em <[http://www.saofrancisco.edu.br/edusf/publicacoes/revistahorizontes/volume\\_03/upload/address/horizontes-8\[6257\].pdf](http://www.saofrancisco.edu.br/edusf/publicacoes/revistahorizontes/volume_03/upload/address/horizontes-8[6257].pdf)>. Acesso em: 4 jan 2014.

MONTEIRO, Rosana Horio. Cultura Visual: definições, escopo, debates. In: *Revista Domínios da Imagem*. Ano 1, n. 2, 2008. Disponível em <<http://www.uel.br/revistas/dominiosdaimagem/index.php/dominios/article/view/36>>. Acesso em: 15 jan 2014.

OLIVEIRA, Maria Augusta Martiarena de; TAMBARA, Elomar Antonio Callegaro. A imagem fotográfica como fonte para a pesquisa em História da Educação. In: *III Congresso Brasileiro de História da Educação*, 2004, Curitiba. *Anais ....* Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2004. v. 1. p. 64-65. Disponível em: <<http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/Documentos/Individ/Eixo1/252.pdf>>. Acesso em: 14 jan 2014.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História Cultural*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004.

PETRY, Marília Gabriela. Museu escolar: o que dizem os inventários (Santa Catarina / 1941-1942). In: *VI Congresso Brasileiro de História da Educação*, 2011, Vitória. *VI Congresso Brasileiro de História da Educação: Invenção, Tradição e Escritas da História da Educação no Brasil*, 2011. Disponível em:

<[www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe6/conteudo/file/715.doc](http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe6/conteudo/file/715.doc)>. Acesso em: 6 jan 2014.

PETRY, Marília Gabriela. **Da recolha à exposição: a constituição de museus escolares em escolas públicas primárias de Santa Catarina (Brasil – 1911 a 1952)**. 2013. 222 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Florianópolis, 2013.

POGGIANI, Ana. Maria. L. Museu Escolar: a experiência de uma educadora para o ensino brasileiro. In: *VI Congresso Brasileiro de História da Educação*, 2011, Vitória/Espírito Santo, 2011. Disponível em <[www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe6/conteudo/file/848.doc](http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe6/conteudo/file/848.doc)>. Acesso em: 6 jan 2014.

POSSAMAI, Zita Rosane. O patrimônio em construção e o conhecimento histórico. *Ciências e Letras*, Porto Alegre: Faculdade Porto-alegrense de Educação. n. 27, p. 13-24, jan-jun, 2000.

\_\_\_\_\_. *Nos bastidores do museu: patrimônio e passado da cidade de Porto Alegre*. Est, Porto Alegre, 2001.

\_\_\_\_\_. Patrimônio e história da educação: aproximações e possibilidades de pesquisa. In: *Revista História da Educação*, v. 16, n. 36, p. 110-120, Porto Alegre / RS, 2012. Disponível em <<http://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/19976>>. Acesso em: 15 jan 2014,0.

VIDAL, Diana; ABDALA, R. D. A fotografia como fonte para a História da Educação: questões teórico-metodológicas e de pesquisa. *Educação (UFES)*, v. 30, p. 177-194, 2005. Disponível em: <[http://www.fundaj.gov.br/geral/educacao\\_foco/historia-educa.pdf](http://www.fundaj.gov.br/geral/educacao_foco/historia-educa.pdf)>. Acesso em: 16 jan 2013.

WERLE. PRÁTICAS DE GESTÃO E FEMINIZAÇÃO DO MAGISTÉRIO. *Cadernos de Pesquisa*, v. 35, n. 126, set./dez. 2005. p. 609-634.

WERLE, Flavia. Colégio Seigné e o Curso Complementar. In: TAMBARA, E.; CORSETTI, B.. *Instituições formadoras de professores no Rio Grande do Sul*. vol. 2. Pelotas: Ed. UFPEL, 2008. p 159-192.